

┌
“*Jovens adultos que praticam crimes e sua
relação com a escola extra e intra muros.*”
└

I Ciclo de Conferências Internacional Educação nas Prisões – Rumos e Desafios.

Luena Marinho,

23 de abril 2022



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Centre for Social Studies
University of Coimbra



Contextualização da investigação

Youthresponse – Jovens adultos imputáveis: direito penal e a resposta judicial

- Foco nos jovens adultos com idades entre os 16 e os 21 anos, que cometem crimes;
- Compreender como o sistema jurídico e judicial português responde aos jovens adultos que cometem crimes.

Objetivos:

- Analisar as respostas definidas pelo Direito Penal Português em relação com a legislação e as recomendações europeias de política criminal;
- Analisar a articulação (ou não) do regime especial com o Direito Penal e Lei Tutelar Educativa (justiça juvenil);
- Analisar como e com que fundamento o regime especial é aplicado (ou não);
- Promover a transferência de conhecimento entre investigadores, profissionais judiciais e não-judiciais e decisores políticos, contribuindo para uma política criminal e sistema de justiça mais inclusivos, que respondam às necessidades especiais dos jovens adultos.

Nota metodológica

- Abordagem qualitativa: entrevistas e análise documental
 - Entrevistas com informantes chave: 18
 - Entrevistas com jovens reclusos: 6
 - Entrevista coletiva com jovens reclusos: 1
 - Análise de processos: 62

- Recolha de dados efetuada no Estabelecimento Prisional de leiria Jovens – Prisão-Escola

Caraterização sociodemográfica dos jovens adultos da amostra

- Nascidos em Portugal
- Oriundos das grandes áreas urbanas
- Famílias com baixos rendimentos económicos
- Baixa escolaridade
- Contactos anteriores com sistema tutelar educativo ou com o sistema de promoção e proteção
- Crimes contra o património
- Cumprem penas superiores a 4 anos

Relação com a escola extramuros

- Espaço de sociabilidade, rivalidade e conflitos entre grupos

“os meus problemas nunca foram dentro de sala de aula, sempre foi no pátio ou no recreio da escola.” [Hugo, 20 anos]

- Absentismo, falta de aproveitamento e abandono escolar

“gostava de ir à escola, mas não ia muito às aulas. Não tinha interesse pelas aulas (...) eu não faltava à escola, faltava às aulas. Eu tava na escola, mas não tava nas aulas...estava com os meus amigos, conversávamos, jogávamos à bola.” [Paulo, 21 anos]

“nunca fui um miúdo daqueles muito estudioso, nem tirar boas notas, tirava aquelas notas razoáveis... Acabei por fazer o 12.º ano num curso profissional. (...) Com o falecimento do meu pai chumbei no 6.º ano duas vezes (...) eu ia para a escola mais para consumir, como se diz “para fumar umas ganzas”” [José, 21 anos]

“chumbei por faltas e pelas notas também, porque depois nos testes acabava por não saber as matérias e não fazia os testes, ou fazia aquilo que eu sabia que era muito pouco. E depois fui para a instituição e lá é que comecei a integrar-me na escola, e lá era mais fácil e então comecei e fiz até ao 9º (...) eu ia porque era mais para marcar presença (...) era só estar lá! e prontos foi assim o que me cativou mais, eles diziam “é só ires lá, estares presente e teres um bom comportamento”, estar e teres um bom comportamento, e passaram-me de ano, e foi assim, fiz até ao 9º ano – 7º, 8º e 9º.” [Ivo, 18 anos]

Relação com a escola extramuros

- Desinteresse, falta de motivação pelas aprendizagens escolares

“eu sou um jovem, não me desperta tanta curiosidade aquilo que a setora tá a dizer...mas a setora também podia tentar captar a minha atenção, ter aquela preocupação, se eu estou a perceber as coisas, se eu preciso de ajuda... Eu não tava a perceber nada mas a professora também não quer saber.” [Ivo, 18 anos]

“se o professor tiver paciência e souber lidar com aquele tipo de alunos, ele vai conseguir com que eles melhorem o seu desempenho escolar. Se ele vir que na teórica está toda a gente conversar, na brincadeira e não vão prestar atenção, por exemplo: “hoje na aula meto um filme e depois façam um resumo”...métodos para captar a atenção dos alunos, para eles estarem a aprender ao mesmo tempo que se estão a divertir. É esse tipo de lazer-trabalho. [Elias, 20 anos]

- Reforço de estereótipos pré-existentes, incapacidade de lidar com questões de saúde mental:

“sempre tive esses comportamentos agressivos, depois foi detetado como deficit de atenção e hiperatividade, que também é o que dão a toda a gente hoje em dia quando há um problema na escola (...) a partir dos meus 12, 13 anos deixei de tomar porque não aceitava, não sentia transformação, não fazia nada a medicação. Muitas vezes havia setores que diziam “vai tomar a medicação”, “hoje tomaste os comprimidos?” se eu tinha assim um comportamento mais coiso (...) eles davam-me a medicação - eram as auxiliares, na secretaria que eu tinha de ir lá buscar há hora de almoço para tomar, e havia sempre esse tipo de bocas.” [entrevista 3— jovem recluso, 20 anos]

Relação com escola/formação intramuros

- Possibilidade de frequentar aulas
- Oferta formativa insuficiente
- Desadequada à realidade e interesses dos jovens

“há formações que eu penso que deveriam ser dadas, que eles deveriam ter, nomeadamente a formação na área da mecânica e da mecatrónica, que é uma coisa que eles gostam e que não há. Tem mais a ver com os recursos que existem do que propriamente com a necessidade ou as vocações que eles têm ou com as expetativas que têm relativamente às coisas (...) os cursos da agricultura são bons para quem é do meio rural, saem habilitados a saber coisas que não se aprendem tanto cá fora e saem até com carta de tratorista, só que se eles forem de um bairro de cimento o quê que vão fazer com aquilo?” [entrevista 6, Téc. Reinserção]

- Cursos obsoletos
- A duração dos cursos é curta, o que não favorece um enraizamento profundo das competências profissionais adquiridas.

“as aprendizagens profissionais que se fazem hoje são muito curtas; acho que eles não aprendem, em termos profissionais não trabalham, não tem uma oficina para trabalhar, enquanto que antigamente eles tinham uma oficina onde aprendiam e trabalhavam às vezes durante anos” [entrevista 6, Téc. Reinserção]

- Falta de continuidade após saída do EP

O olhar dos jovens reclusos sobre a formação

- É uma forma de estarem ocupados, um meio de estar mais tempo fora da cela.

“aqui no estabelecimento estou a frequentar um curso de 2 anos que é para o 10º, 11º e 12º que é de sistemas fotovoltaicos – painéis solares e sistemas fotovoltaicos (...) estar farto disto, estar fechado na cela, eu já tive cerca de uns 300-380 dias fechado na cela por causa de castigos.” [Hugo, 20 anos]

- Modo de ficar bem visto perante os técnicos e o juiz, e assim aceder a mais benefícios – precárias, mudança de regime de pena, etc.

“porque muitas das vezes os exemplos que dão aqui é... se a gente fizer o nosso caminho...os técnicos dizem “ah se tas a trabalhar, se vais à escola, o juiz vai pensar de outra maneira”. [José, 21 anos]

- Os jovens não percecionam a utilidade da formação no futuro

“é muito raro encontrar um jovem que diga esta formação é porreira e eu vou aproveitá-la quando sair e é nisto que vou trabalhar! eles fazem-no porque são obrigados a fazê-lo, mas nem sequer falam no futuro e no trabalho” [entrevista 4, Téc. Centro Educativo],

“uma turma que começa com 15, num curso de 2anos, pode concluir com 7 ou 8, há sempre 2 ou 3 que aproveitam essas qualificações no exterior. Telefonam para cá a pedir o certificado” [entrevista 10, Téc. Reeducação].

Outras aprendizagens

- Aprendizagem pela Arte

projetos de carácter artístico que contribuem para o desenvolvimento de competências relacionais e emocionais nos jovens, e que facilitam uma posterior aprendizagem.

“O papel do maestro é muito importante, ele ensina a escutar o silêncio antes da nota! Aprender a escutar, é aprender a controlar o impulso e isso reproduz-se na vida diária, antes de responder a um guarda, ele respira e controla o seu impulso” [David R, Monitor do Ópera na prisão].

Este projeto, estimula também a relação intra e extramuros, fomenta outros olhares, uma aproximação dos jovens às suas famílias, incrementa na sua autoestima, permite novas sociabilidades e a aquisição de novos conhecimentos.

Como melhorar a relação jovens-escola

- Estreitar os laços entre os jovens e a escola;
- Adequação aos interesses e potencial dos jovens;
- Desenvolvimento de metodologias participativas;
- Apostar na educação pela arte;
- Mais formação profissional nos estabelecimentos prisionais;
- Maior adequação da oferta formativa aos interesses dos jovens;